

## PERCURSOS LOCKEANOS EM FRANKENSTEIN DE MARY SHELLY<sup>1</sup>

Percorrer *Frankenstein* à luz da teoria do conhecimento humano de John Locke constitui tarefa à partida delimitada, não à sequência patente no ensaio filosófico, mas sim ao projecto existencial do ser criado pelo cientista.

Assim, as noções de existência real e de ideia formam as duas grandes áreas de exploração que permitem por um lado, detectar dois tipos de conhecimento fundamentais, por outro, delinear um caminho conducente à destruição total do criador e da sua obra. No primeiro âmbito caracterizar-se-ão os requisitos principais do conhecimento científico (cuja posse plena origina o monstro) bem como o modo de percepção própria do contacto com o mundo externo. Seguidamente, ter-se-ão em conta não só a origem e formação das ideias, como também os seus vários tipos que, desde as simples às complexas e de relações, revelam várias faces no confronto com a realidade objectiva ou na utilização de instrumentos como as palavras.

Finalmente é a captação plena da identidade, baseada num excessivo projecto e aprofundamento de si, que desencadeia o processo de destruição sentido e desejado por Frankenstein e pelo ser criado.

Retomando o primeiro ponto de todo o percurso já apontado notar-se-á que, para John Locke, a possibilidade de obtenção da prova de existência real reside na sua própria apreensão — esta é imediata pois o existente conhece-se directamente sem necessitar de qualquer ideia para a ligação com a mente. A certeza encontra-se, assim, apenas no sujeito consciente;

«As for *our own existence*, we perceive it so plainly and so certainly that it neither needs nor is capable of any proof. (...) *I think, I reason. I feel pleasure and pain: can any of these be more evident to me than my own existence?*»<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado em Janeiro de 1985 no seminário de Literatura Inglesa orientado pelo Prof. Doutor João de Almeida Flor no Curso de Mestrado em Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa.

<sup>2</sup> II, IV, 9.3, págs. 304-5. Todas as citações de *Essay Concerning Human Understanding*, de John Locke, vêm referenciadas de acordo com a seguinte edição:

LOCKE, John — *An Essay Concerning Human Understanding*, annotated by Alexander C. Fraser, in two volumes, Dover Publications, Inc., New York, 1959.

O fundamento deste juízo deva-se à presença da mente perante si própria<sup>3</sup> o que, em certo sentido, significa que ela é também objecto de si. Da mesma forma que a concepção de ideias incompreendidas no entendimento se torna impossível, não se encara a mente dissociada da auto-consciência («self-consciousness») e consequentemente do acto de pensamento que desempenha.

Preenchendo estes parâmetros existenciais, Frankenstein capta em pleno a ideia do eu enquanto conteúdo absoluto da função mental — este constitui o primeiro passo na busca sequiosa do conhecimento científico que, uma vez possuído, trabalha na mente poderosa do cientista até à apoteose da criação do monstro.

Caracterizada na sua essência pela universalidade, esta faculdade está, para John Locke, povoada de ideias gerais designativas da vasta superioridade da mente humana em relação à do animal:

«...and that the having of general *ideas* is that which puts a perfect distinction betwixt man and brutes»...<sup>4</sup>.

Mesmo quando alcançadas, estas ideias não se destacam por mera existência psíquica — a qualidade da representação depende, sim, de uma dupla função mental. Em primeiro lugar, e através de um processo de abstracção, o conteúdo a ser generalizado deve ser considerado fora do seu enquadramento original na experiência. Seguidamente deve ser pensado como representante de todos os outros particulares da mesma espécie:

«Thus the same colour being observed to-day in chalk or snow, which the mind yesterday received from milk, it considers that appearance alone, makes it a representative of all of that kind»<sup>5</sup>.

A abstracção não fornece, por si, uma ideia geral — o universal não pode descobrir-se apenas através da aplicação de um processo de análise aos conteúdos da experiência. Consiste, sim, numa relação cuja apreensão tem origem numa actividade comparativa da mente. A escolha de um conteúdo como objecto de consideração deve acompanhar-se pois do tratamento enquanto representante de todos os particulares nos quais a mesma qualidade pode ser encontrada<sup>6</sup>.

O alvo de Frankenstein constitui-se, não na mera contemplação da ideia geral, mas sim na sua posse plena, na captação de todo o existente passível de contribuir para o universal:

---

<sup>3</sup> «For, since the things the mind contemplates are none of them, besides itself, present to the understanding» — II, IV, 21.4, págs. 461-2.

<sup>4</sup> I, II, 11.10, págs. 207-8.

<sup>5</sup> I, II, 11.9, págs. 207.

<sup>6</sup> «Ideas are general when they are set up as the representatives of many particular things: but universality belongs not to things themselves» — II, III, 3.11, pág. 21.

## NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

«So much has been done, exclaimed the soul of Frankenstein— ...I will pioneer a new way, explore unknown powers, and unfold to the world the deepest mysteries of creation»<sup>7</sup>.

Locke considera assim uma espécie de conhecimento capaz de penetrar até à essência das substâncias — desta profundidade emanam depois as várias determinações numa necessidade racional. Apesar de ser possuído apenas por seres de grande perfeição<sup>8</sup> e estar desse modo fora do alcance do comum das pessoas, este tipo de conhecimento está também permeado de alguns defeitos dos quais se salienta, por exemplo, o uso de ideias intermediárias;

«...yet still it fails *our reason* in that part which, if not its highest perfection, is yet certainly its hardest task, and that is *the finding out of proofs and making new discoveries*»<sup>9</sup>.

Esta detecção atinge também as ideias gerais que, embora constituam instrumentos essenciais do conhecimento, são acusadas de representação parcial da realidade em virtude da sua própria natureza abstracta<sup>10</sup>.

A busca de «novas descobertas» é tarefa arriscada pela forma como se relaciona, ou não, com a realidade concreta — a vivência das dificuldades e imperfeições deste conhecimento pode ter contribuído, juntamente com a incapacidade de amar, a fuga à responsabilidade, entre outros factores, para o fracasso do projecto do cientista. Se a grandiosidade da descoberta contrasta com a emoção simples das primeiras experiências da criatura, também na mesma proporção se opõem o conhecimento científico, universal, e o da existência real obtido através do contacto com as coisas materiais.

Ávido da exploração do exterior, o monstro inicia-se neste último, cuja satisfação conduzirá depois à confrontação com os outros seres. Para já fundamenta-se nas características da percepção sensorial e justifica-se pelo modo como algumas ideias são experimentadas, em determinadas ocasiões, pela mente que as apreende:

«A strange multiplicity of sensations seized me, and I saw, felt, heard, and smelt at the same time; and it was indeed, a long time before I learned to distinguish between the operations of my various senses»<sup>11</sup>.

Esta ideias de sensação parecem possuir um método de filiação próprio que, distinguindo-as das de memória ou imaginação, as liga imediatamente a uma causa externa:

---

<sup>7</sup> SHELLEY, Mary — *Frankenstein, Or, The Modern Prometheus*, with an afterword by Harold Bloom. Signet Classic, New York and Scarborough, Ontario, 1965, cap. 3, pág. 47.

<sup>8</sup> II, III, 11.23, pág. 160.

<sup>9</sup> II, IV, 17.6, pág. 401.

<sup>10</sup> «In effect, it /general idea/ is something imperfect, that cannot exist» — II, IV, 7.9, pág. 274.

<sup>11</sup> *Op. cit.*, cap. 11, pág. 98. A este respeito ver também: II, IV, 2.14, pág. 186.

«But, if I turn my eyes at noon towards the sun, I cannot avoid the *ideas* which the light or sun then produces in me <sup>12</sup>.

A certeza da existência real, à qual Locke chama «sensitive knowledge», parece assim confinada à presença dos objectos da percepção sensorial. Se, por um lado, as ideias são essencialmente consideradas sinais através dos quais a mente pretende representar o mundo externo, por outro, este encontra-se, mesmo imperfeita ou superficialmente, presente na experiência. Assim, a realidade do conhecimento está garantida desde que contenha ideias de possíveis existentes <sup>13</sup>.

Cada uma destas ideias simples corresponde a algum elemento do mundo real — não é essencial que sejam cópias de uma entidade extra-mental. Contudo, a suposta semelhança constitui o ponto de conexão entre esses materiais elementares do conhecimento e o meio:

«From whence it follows that *simple* ideas are *not fictions* of our fancies, but the natural and regular productions of things without us» <sup>14</sup>.

Esta filiação é imediatamente praticada pelo monstro que, no percurso encetado, remete cada sensação para um existente:

«Several changes of day and night passed... when I began to distinguish my sensations from each other... I was delighted when I first discovered that a pleasant sound,... proceeded from the throats of the little winged animals <sup>15</sup>.

Tomando a definição lockeana de ideia simples urge atribuir-lhe, e em virtude do seu aparecimento («appearance in the mind»), a objectividade pertencente a todo o conteúdo de pensamento <sup>16</sup>. Não tendo existência independente da apreensão da mente, esta forma elementar de cognição assume a presença de um objecto específico de pensamento e caracteriza-se de duas formas essenciais: se, por um lado, a mente se relaciona com a ideia simples passivamente (não a faz), por outro, esta é apreendida enquanto conteúdo da experiência: cabe à sensação a tarefa de fornecer ideias das qualidades patentas nas várias determinações externas:

«My sensations had by this time become distinct, and my mind received every day additional ideas. My eyes became accustomed to the light and to perceive objects in their right forms; I distinguished the insect from the herb, and by degrees, one herb from another» <sup>17</sup>,

---

<sup>12</sup> II, IV, 11.5, pág. 329.

<sup>13</sup> «Our ideas are such as we know are capable of having an existence in nature» — II, IV, 5.S, pág. 249.

<sup>14</sup> II, IV, 4.4, pág. 229.

<sup>15</sup> Op. cit., cap. 11, pág. 99.

<sup>16</sup> «Contains in it nothing but one uniform appearance or conception in the mind, and is not distinguishable into different ideas» — I, 11, 2.1. pág. 145.

<sup>17</sup> Op.cit., cap. 11, pág. 99.

## NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

As condições de recepção das ideias simples de sensação dependem, em primeiro lugar, da ligação dos órgãos corporais com as coisas:

«I felt light, and hunger, and thirst, and darkness; innumerable sounds rang in my ears, and on all sides various scents saluted me»<sup>18</sup>.

Não pretendendo identificar o processo físico com o estado de consciência, Locke aceita a distinção entre este último e o fenómeno do mundo externo. Enquanto a experiência de uma ideia de sensação está dependente da componente corporal, a sua existência não é considerada por Locke inteiramente determinada por condições físicas. A sensação é um modo de pensamento<sup>19</sup> e a mera recepção da ideia simples envolve uma operação do entendimento pela qual o seu conteúdo é percebido. Esta função mental não se segue invariavelmente após a presença exhaustiva dos requisitos físicos. Pode ser retida como resultado do desvio de atenção — nesse caso, a ideia de sensação não surge:

«How often may a man observe in himself that, whilst his mind is intently employed in the contemplation of some objects,... it takes no notice of impressions of sounding bodies made upon the organ of hearing»<sup>20</sup>.

Esta condição essencial à captação da ideia simples não surgiu imediatamente na mente do monstro contribuindo por um lado para o demorado envolvimento no circundante, conduzindo por outro a uma exploração progressiva:

«No distinct ideas occupied my mind; all was confused... when I began to distinguish my sensations from each other»<sup>21</sup>.

A reflexão constitui-se, assim, num acto especial de atenção requerido no sentido de permitir a formação de ideias definidas acerca de operações específicas:

«...till the understanding turns inwards upon itself, *reflects* on its own operations, and makes them the object of its own contemplation»<sup>22</sup>.

Se uma operação mental de «atenção» está envolvida na aquisição de todas as ideias simples, parece impossível a afirmação da passividade da mente nesse processo: tal contradição é aparente após o tratamento da especificidade deste âmbito, em si, e por oposição à noção de actividade mental. A este respeito convém lembrar que, para Locke, a teoria dos princípios inatos não só colide com os seus pontos de vista acerca da origem e ordem temporal da formação das ideias na consciência, como também adultera uma das suas

---

<sup>18</sup> *Ibidem*.

<sup>19</sup> Ver I, II, 19.1, pág. 298.

<sup>20</sup> I, II, 9.4, pág. 184.

<sup>21</sup> Op. cit., cap.11, pág. 99.

<sup>22</sup> I, II, 1.8, pág. 126.

principais convicções: é necessário ao indivíduo apropriar-se activamente da verdade; por isso deve apelar para as suas faculdades intelectuais, usá-las e desenvolvê-las para alcançar o conhecimento:

«...whilst some (and those the most), taking things upon trust, misemploy their power of assent, by lazily enslaving their minds to the dictates and dominions of others... others, employing their thoughts only about some few things attain great degrees of knowledge»<sup>23</sup>.

Esta busca surge realizada pelo monstro nos mesmos moldes — a mente só pode ser activa se produzir um determinado efeito através da utilização dos seus próprios poderes:

«I improved, however, sensibly in this science, .. .although I applied my whole mind to the endeavour»<sup>24</sup>.

A actividade mental surge, assim, confinada a um elemento fundamental — a acção voluntária<sup>25</sup>. Em suma, todos os processos mentais envolvem uma consciencialização própria. Ser activo significa reconhecer a origem desse processo em si enquanto algo espontaneamente determinado — a vontade desempenha, pois, um papel relevante<sup>26</sup>. Apenas a identificação da natureza dos conteúdos primários de cognição é colocada inteiramente para lá do controlo e do arbítrio humano (o homem não os pode fazer nem recusar a recepção à medida que lhes são apresentados na experiência) — no entanto a definição pelo exterior não é totalmente independente da cooperação interna.

Presença universal na cognição, as ideias ligam-se à captação sensível da cor e da luz, por exemplo,

(«By degrees, I remember, a stronger light pressed upon my nerves, so that I was obliged to shut my eyes»)<sup>27</sup>.

ou ao pensamento do objecto abstracto:

«...I was filled with the bitterest sensations of despondance and mortifications»<sup>28</sup>.

Para Locke a ideia é simultaneamente a apreensão de um conteúdo e o conteúdo apreendido — é um existente psíquico e um significado lógico:

---

<sup>23</sup> I. I. 4.23, pág. 113-4.

<sup>24</sup> *Op. cit.*, cap.12, pág. 108.

<sup>25</sup> «Though thinking... signifies that sort of operation in the mind about its *ideas*, wherein the mind is active, where it, with some degree of voluntary attention, considers anything» — I, II, 9.1, pág. 183.

<sup>26</sup> «My thoughts now became more active» — *op. cit.*, cap. 12, pág. 109.

<sup>27</sup> *Ibidem*, cap. 11, pág. 98.

<sup>28</sup> *Ibidem*, cap. 12, pág. 108.

## NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

«It being that term which, I think, serves best to stand for whatsoever is the object of the understanding when a man thinks...»<sup>29</sup>.

Da definição surge pois a noção de realidade objectiva — o termo «objecto» implica relação com e dependência de uma mente:

«To ask *at what time a man has first any ideas* is to ask when he begins to perceive: having *ideas* and perception being the same things»<sup>30</sup>.

Esta função aparece repetidamente comparada à das palavras — ambas são essencialmente representativas e, sem as últimas, a comunicação do conhecimento torna-se impossível:

«The consideration, then, of ideas and words as the great instruments of knowledge makes no despicable part of their contemplation who would take a view of human knowledge in the whole extent of it»<sup>31</sup>.

Evoluindo no percurso iniciado, o monstro apodera-se de mais uma etapa pela qual capta a importância extrema destes instrumentos — sinais de ideias — para a sua integração:

« I found that these people possessed a method of communicating their experience and feelings to one another by articulate sounds. I perceived that the words they spoke sometimes produced pleasure or pain, smiles or sadness... I cannot describe the delight I felt when I learned the ideas appropriated to each of these sounds and was able to pronounce them»<sup>32</sup>.

Da combinação de ideias simples obtém-se a ideia complexa num processo que, de forma alguma, é deliberado ou desligado da experiência<sup>33</sup>. Enquanto esta pode dar a pluralidade de conteúdos, bem como a chave da sua formação, é importante notar que a mera apresentação conjunta de um número de elementos não é suficiente para constituir uma ideia complexa — a exercitação do poder mental torna-se, pois, fundamental:

«As simple ideas are observed to exist in several combinations united together, so the mind has a power to consider several of them united together as one idea. (...) Ideas thus made up of several simple ones put together, I call complex (...)»<sup>34</sup>.

---

<sup>29</sup> I, I, 1.8, págs. 32-3.

<sup>30</sup> I, II, 1.9, pág. 127.

<sup>31</sup> II, IV, 21.4, pág. 462.

<sup>32</sup> *Op. cit.*, cap 12, pág. 107.

<sup>33</sup> Ver I, II, 22.9, págs. 385-6.

<sup>34</sup> I, II, 12.1, pág. 214.

Após a recepção dos constituintes, a mente desempenha então a operação unificadora:

«The next operation we may observe in the mind about its ideas is COMPOSITION, whereby it puts together several of those simple ones it has received from sensation and reflection and combines them into complex ones»<sup>35</sup>.

Ultrapassada a fase inicial de exploração do exterior, o monstro alcança este nível de conhecimento — tendo a exercitação mental como base («By great application...») ele utiliza na aprendizagem linguística a ideia complexa aliada à de relação:

«...I discovered the names that were given to some of the most familiar objects of discourse; I learned and applied the words (fire», «milk», «breads, and «wood»<sup>36</sup>.

Este último tipo de ideia<sup>37</sup> adquire-se através do acto mental peculiar da comparação que, por sua vez, não se desempenha sem o fornecimento dos termos — cabe à sensação e reflexão, através da experiência, a tarefa de lhes atribuir o devido e necessário conteúdo positivo<sup>38</sup>. O agrupamento de várias ideias simples (por exemplo a noção de fogo no capítulo 11) permite ao monstro desvendar o mistério da ligação entre os objectos e as palavras e estabelecer actos de comparação;

«Their pronunciation was quick, and the words they uttered, not having any *apparent connection* with visible objects... By great application, however, ...I discovered the names that were given to some of the most familiar objects of discourse»<sup>39</sup>.

O funcionamento contínuo do poder mental concede-lhe um nível de conhecimento composto pela complexidade de vários tipos de ideias, utilizadas na descoberta constante e cada vez mais profunda do meio. O acesso à ideia geral, chave mestra do seu criador, avizinha-se:

«The possession of these treasures gave me extreme delight; I now continually studied and *exercised my mind* upon these histories, ...»<sup>40</sup>.

A posse deste conhecimento vai desencadear no ser criado uma crise existencial — excessivamente ciente de si, ele caminha rumo à queda:

---

<sup>35</sup> I, II, 11.6, pág. 205.

<sup>36</sup> *Op. cit.*, cap. 12, pág. 107.

<sup>37</sup> Ver I, II, 21.3 (pág. 310) e 25.6 (pág. 429).

<sup>38</sup> I, II, 28.18, pág. 483.

<sup>39</sup> *Op. cit.*, cap. 12, pág. 107.

<sup>40</sup> *Ibidem*, cap. 15, pág. 122.

## NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

«Increase of knowledge only discovered to me more clearly what a wretched outcast I was»<sup>41</sup>.

O horror tão peremptoriamente afirmado é o desembocar de um processo durante o qual as possibilidades oferecidas pelo conhecimento são captadas e, uma vez absorvidas são posterior e plenamente expulsas;

«No; from that moment I declared everlasting war against the species, and more than all, against him who had formed me and sent me forth to this insupportable misery»<sup>42</sup>.

A ideia de identidade pessoal existe apenas quando altas funções mentais (comparação, por exemplo) estão presentes<sup>43</sup>. Sendo a existência o «*principium individuationis*»<sup>44</sup> confina-se a cada ser finito impedindo todos os outros de existir no mesmo tempo e lugar. Assim, quando o homem é capaz de revelar continuidade de espécie com a ocorrida no passado, ele demonstra identidade de substância real ou individual.

Pensar é, para Locke, sempre acompanhado de consciência ou de um acto reflexo pelo qual o homem percebe e dá conta do pensamento como seu:

«This being premised, to find wherein *personal identity* consists, we must consider what *person* stands for; which, I think, is a thinking intelligent being that has reason and reflection and can consider itself as itself... *personal identity*, i.e. the sameness of a rational being»<sup>45</sup>.

Apesar de esta referência ao eu estar invariavelmente envolvida nas percepções e acções presentes, não lhes é limitada — imediatamente se liga a certas experiências passadas. A identidade pessoal depende, pois, de uma continuidade de consciência —

(«For it is by the consciousness it has of its present thoughts and actions that it is *self* to itself now, and so will be the same *self* as far as the same consciousness can extend to actions past or to come»<sup>46</sup>.

— tal como outras formas de relações, esta baseia-se em factos, mesmo que estes consistam apenas na capacidade de ligar uma percepção passada a uma presente<sup>47</sup>. Se, por um lado, o monstro não se revela na sequência de nenhuma espécie, manifesta o desejo de partilha com outro ser como uma necessidade essencial à sua própria identidade:

---

<sup>41</sup> *Ibidem*, pág. 125.

<sup>42</sup> *Ibidem*, cap. 16, pág. 130.

<sup>43</sup> «*Person*, as I take it, is the name for this self. (...) It is a forensic term. appropriating actions and their merit, and so belongs only to intelligent agents — I, II, 27.26, págs. 466-7.

<sup>44</sup> I, II, 27.4, pág. 441.

<sup>45</sup> I, II, 27.11, págs. 448-9.

<sup>46</sup> I, II, 27.10, pág. 451.

<sup>47</sup> «Identity and diversity are relations and ways of comparing well-founded and of use to the understanding» — I, II, 27.2, pág. 441.

MARIA JOÃO PIRES

«I am alone and miserable; man will not associate with me;...  
*My companion must be of the same species and have the same defects.*  
This being you must create»<sup>48</sup>.

De uma existência captada, a criatura entra num processo de definição progressiva onde o contacto com as coisas do mundo exterior e a confrontação permanente com os outros seres são acompanhadas pela descoberta das capacidades do próprio conhecimento. Preenchendo o requisito da presença perante si, a mente consciencializa-se, bem como das suas operações<sup>49</sup> — o eu deixa a sua percepção percorrer o presente e o passado (o relato é disso mostra evidente), lança-se numa completa expansão de si. O espaço em que a princípio se movimenta revela-se insuficiente e uma forte vontade de actuar e conquistar torna-se incontrolável. Esta busca traz consigo a inevitável rejeição: o criador não assume a existência do ser criado, cujo amor é repudiado pela família da cabana.

O excesso de consciência de si<sup>50</sup> domina Frankenstein e o monstro unindo-os num final comum; se, por essa razão, o primeiro se obriga ao isolamento e a carregar a culpa no assassinio dos seus entes queridos<sup>51</sup>, o segundo experimenta a angústia e a solidão («I am solitary and abhorred»)<sup>52</sup>. Irremediavelmente desesperado o eu não se suporta e deseja, no ponto culminante da queda existencial, expulsar todo o horror de si autodestruindo-se:

«...sometimes wishing to see you, sometimes resolved to quit the world and its miseries forever»<sup>53</sup>.

*Maria João Pires*

---

<sup>48</sup> *Op. cit.*, cap. 16, pág. 137.

<sup>49</sup> «As thinking consists in being conscious that one thinks» — I, II, 1.19, pág. 138.

<sup>50</sup> Ver pág. 2 deste ensaio.

<sup>51</sup> «Why am I here to relate the destruction of the best hope and the purest creature of earth? (...) Could I behold this and live? Alas! Life is obstinate and clings closest where it is most hated» — *op. cit.*, cap. 23, pág. 186.

<sup>52</sup> *Ibidem*, cap. 15, pág. 125.

<sup>53</sup> *Ibidem*, cap 16, pág. 137.